

# DESCONSTRUINDO A NATUREZA INTERDISCIPLINAR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: APROXIMANDO OS ESTUDOS EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE<sup>1</sup>

Emails:  
zayr10@gmail.com  
marleneotmo@gmail.com

Zayr Claudio, Marlene Oliveira

## *Resumo*

Aborda a interdisciplinaridade da ciência da informação e sua natureza constituída epistemologicamente. Problematiza esse status epistemológico interdisciplinar discutido metodologicamente por meio de indícios quantitativos e da representação de enunciados adotados na literatura científica. Por meio de uma revisão de literatura, propõe um diálogo entre a interdisciplinaridade na ciência da informação e os Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade. A dita “natureza interdisciplinar” da ciência da informação, constituída por meio da representação e da retórica, necessita de aproximações metodológicas de cunho empírico as quais possam observar um processo de construção sociocultural da interdisciplinaridade. Assim, são ponderadas as redes empíricas de sua produção científica, tendo em vista as inscrições literárias, as práticas de ensino, negociações políticas de programas de pesquisa e programas disciplinares e as controvérsias coexistentes entre pesquisadores, cujas atividades deslocam e remontam constantemente seus diversos atores interdisciplinares (pesquisadores, conceitos, teorias, métodos e outras linguagens disciplinares). Há uma estabilização por meio de um processo naturalizador condicionado pela representação e pela retórica de enunciados e discursos na ciência da informação, que precisam não só de aprofundamentos epistemológicos, mas, também de estudos de abordagens pragmáticas que possam enfatizar relações entre conteúdos e contextos envolvidos na prática tecnocientífica.

**Palavras-Chave:** Ciência da Informação. Interdisciplinaridade. Natureza Interdisciplinar. Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Sociologia da Ciência.

## *Abstract*

Addresses interdisciplinarity of information science and its epistemologically constituted nature. It problematizes this interdisciplinary epistemological status discussed methodologically through quantitative indications and the representation of statements adopted in the scientific literature. Through a literature review, it proposes a dialogue between interdisciplinarity in information science and Science, Technology and Society Studies. The so-called "interdisciplinary nature" of information science, constituted through representation and rhetoric, requires methodological approaches of an empirical nature that can observe a process of sociocultural construction of interdisciplinarity. Thus, the empirical networks of their scientific production are considered, considering the literary inscriptions, teaching practices, political negotiations of research programs and disciplinary programs, and the coexisting controversies between researchers, whose activities are constantly

<sup>1</sup> Trabalho aceito para comunicação oral no GT1 - Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – 2017. É um extrato inicial da pesquisa de tese do primeiro autor, orientada pela segunda autora, em andamento no curso de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (PGG-GOC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

moving and tracing their various interdisciplinary actors (researchers, concepts, theories, methods and other disciplinary languages). There is a stabilization through a naturalizing process conditioned by the representation and rhetoric of statements and discourses in the science of information, which need not only epistemological deepening, but also studies of pragmatic approaches that can emphasize relations between contents and contexts involved in the techno-scientific practice.

**Keywords:** Information Science. Interdisciplinarity. Interdisciplinary Nature. Studies in Science, Technology and Society. Sociology of Science

## 1 INTRODUÇÃO

Trata-se da busca, preliminarmente, de um diálogo desconstrutivista a partir do conceito “desconstrução”<sup>2</sup> de Derrida (1973), para discutir aquilo que é considerado como uma caixa-preta<sup>3</sup> na ciência da informação – a “natureza interdisciplinar”.

A produção científica dessa disciplina é discutida consideravelmente acerca da variedade dos fundamentos históricos, teóricos e epistemológicos, tendo em vista a complexidade do objeto informacional e as relações multidisciplinares com diferentes disciplinas. Essas relações são condicionadas pelos diferentes atores sejam pesquisadores, temáticas, disciplinas, teorias, métodos, entre outros. A ciência da informação foi apresentada como “interdisciplinar por natureza” (BORKO, 1968; SARACEVIC, 1970), sendo derivada de outros campos como a Matemática, Lógica, Psicologia, Ciência da Computação, Comunicação, Biblioteconomia e Administração (BORKO, 1968).

O enunciado “interdisciplinar por natureza” é considerado a partir de seu paradigma de origem e de seus aspectos históricos e teóricos relacionados à complexidade da informação e às diferentes disciplinas, que, por meio de perspectivas epistemológicas, buscam discutir e fundamentar (legitimar) a formação teórico-metodológica de seu status interdisciplinar. A interdisciplinaridade é abordada na ciência da informação basicamente em torno de indícios quantitativos da literatura científica por intermédio de índices de coautoria e citações, e listagens de temáticas e disciplinas por meio da bibliometria e da cientometria. Nesse contexto, discussões sobre a interdisciplinaridade necessitam ir além das condições epistemológicas que enfocam a representação discursiva em produtos da literatura científica (artigos, dissertações e teses), uma vez que a dita “natureza interdisciplinar” está em constante planos de tensão na relação conteúdo-contexto devido aos limites e fronteiras do campo de colaboração científica, tendo em vista a complexidade do objeto informacional, os processos e fluxos que o envolvem e as outras disciplinas que fazem interface.

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, em consonância com Derrida (1973), a desconstrução não é um movimento de destruição do discurso, mas uma estratégia de re-construção linguística do *logos* (da palavra, do signo). Essa estratégia pode ser considerada, então, como uma desmontagem dos elementos da escrita que podem estar ocultos no jogo de representação dos discursos científicos.

<sup>3</sup> Utiliza-se a noção “caixa-preta” metaforicamente em relação à interdisciplinaridade, pois, “por mais controversa que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira” (LATOURE, 2000, p. 14). Para Latour e Woolgar (1997), as caixas-pretas ocorrem na ciência quando os fatos estão estabilizados representativamente por meio de enunciados científicos – como o “a ciência da informação é, por natureza, interdisciplinar” (SARACEVIC, 1996, p. 42).

Discute-se, a partir disso, a existência de um processo de naturalização da interdisciplinaridade na ciência da informação em torno de seu status histórico e teórico-metodológico ponderado epistemologicamente com base na validade e legitimidade do discurso interdisciplinar, que, por sua vez, vai além da representatividade enunciativa demarcando limites e fronteiras disciplinares e as condições práticas do funcionamento de uma interdisciplinaridade. Torna-se necessário ponderar as práticas do conhecimento (interdisciplinar) construídas socialmente em diferentes contextos de pesquisa, do ensino e da política científica. Problematiza-se, na pesquisa como ocorre a estabilização da “natureza interdisciplinar” da ciência da informação, considerando o caráter heterogêneo dos programas disciplinares e as controvérsias científicas de seus pesquisadores. Por se tratar metodologicamente de uma revisão de literatura, aqui se busca apenas desenvolver um breve diálogo epistêmico entre a interdisciplinaridade na ciência da informação e os estudos sociais do conhecimento (científico), aqui chamados genericamente de Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ECTS), buscando continuar uma “desconstrução” nesse processo naturalizador que ocorre desde seus “mitos de origem”, iniciada, em certa medida, por outros autores como Saldanha (2008b) e Souza (2011).

## *2 INTERDISCIPLINARIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*

A interdisciplinaridade emerge como condição crítica aos limites e fronteiras do conhecimento existentes nas universidades, disciplinas e diferentes saberes. Apresenta-se como movimento de produção colaborativa, constituindo-se em torno de redes complexas e singulares por meio de diferentes pesquisadores, saberes e disciplinas do conhecimento. Para Japiassu (1976, p. 90), a interdisciplinaridade é denominada como uma produção integrativa de conhecimentos a partir de conceitos, métodos e diferentes linguagens – uma interlinguagem, “em que seus participantes forem capazes de adotar certa linguagem comum”. De outra maneira, busca-se perceber a interdisciplinaridade na perspectiva de uma heterogênese singular, isto é, redes de atores que se justapõem, se integram, se excluem e se materializam em diversos saberes. Com efeito,

[...] a interdisciplinaridade não poderá jamais consistir em reduzir as ciências a um denominador comum, que sempre acaba destruindo a especificidade de cada uma, de um lado, e dissolve cada vez mais os conteúdos vivos em formalizações vazias, que nada explicam, podendo, pelo contrário, transformar-se em estratégias de exclusão e de domínio absoluto. Pelo contrário, deverá ser um mediador que possibilita a compreensão da ciência, além de formas de cooperação a um nível bem mais crítico e criativo entre os cientistas (ETGES, 1995, p. 73).

No universo da ciência da informação, a interdisciplinaridade é considerada como um de seus fundamentos gerais. Percebe-se uma tendência em utilizar indícios e métodos quantitativos por vias epistemológicas para demarcar como justificativa teórica e legitimadora o tão buscado status interdisciplinar. À medida de exemplo, tem-se em destaque a pesquisa de Prebor (2010), que busca discutir explicitamente a “natureza interdisciplinar”, além de outros estudos como Chang e Huang (2012), Higino (2011), Moraes e Carelli, (2016), Silva (2016) e Tang (2004), os quais utilizam demarcações epistemológicas focadas na representação da literatura científica e métodos bibliométricos e cientométricos encontrados na considerada produção interdisciplinar da ciência da informação. Vale ressaltar que tal caracterização metodológica dos estudos que enfocam a

interdisciplinaridade nessa disciplina já fora problematizada por diferentes autores como Bicalho e Oliveira (2011), Smith (1992), Souza (2011), dentre outros.

Souza (2011), ao desenvolver uma crítica à estabilização do discurso interdisciplinar baseado por indicadores bibliométricos, cujo enunciado “‘de que a Ciência da Informação é interdisciplinar por natureza’ e que, em decorrência disso, ‘não precisa procurá-la; ela está aí’” (SOUZA, 2011, p. 274), aponta a necessidade de uma espécie de deslocamento dessa positividade e generalidade da interdisciplinaridade nesse campo, buscando além da compreensão de sua constituição os efeitos de sentido transparentes na literalidade textual. Contudo, embora se compreenda a importância desse deslocamento epistemológico discutido acima, aponta-se, para tanto, uma transgressão que possa ressignificar as abordagens metodológicas para além da própria epistemologia interdisciplinar, ponderando não só as condições teóricas e metodológicas representadas na literatura científica, mas, sobretudo, a relação intrínseca e extrínseca com as ocorrências da prática interdisciplinar em diferentes conteúdos e contextos das atividades científicas *in loco*, seja na sala de aula, nos colégios invisíveis, decisões políticas da tecnociência, nos eventos tecnocientíficos. Pois, compreende-se que a factualidade da interdisciplinaridade necessita ir além da alta teoria, buscando as circunstâncias em seus modos de saber-fazer adotados pragmaticamente nas diferentes atividades tecnocientíficas, para que se possa perceber sua processualidade condicionada empiricamente de acordo com diferentes conteúdos tecnocientíficos e contextos socioculturais. Afinal,

[...] um fato deve ser distinguido das teorias transitórias como algo definitivo, permanente e independente de qualquer interpretação subjetiva pelo cientista. É o que as várias disciplinas científicas visam. A crítica dos métodos utilizados para estabelecer isso constitui o tema da epistemologia. A epistemologia muitas vezes cometeu um erro fundamental: quase exclusivamente considera fatos bem estabelecidos na física clássica, antes da vida cotidiana, como os únicos confiáveis e dignos de investigação. A avaliação baseada em tal investigação é inerentemente ingênua, com o resultado de que somente dados superficiais são obtidos (FLECK, 1979, p. xxii, tradução nossa).

Em uma perspectiva crítica às produções que discutem o caráter interdisciplinar na ciência da informação, Smith (1992) aponta para a falta de discussões que problematizem essa caracterização com abordagens metodológicas de cunho empírico, que não somente evidenciem a descrição de indicadores de citações, listagens de temáticas ou disciplinas e teorias e métodos importados os quais *apontam* para discursos interdisciplinares, mas que possam fazer uma espécie de cruzamento de métodos, observação das relações por exportação, etc. Vale frisar que, segundo a autora, “pode existir um descompasso entre a literatura e o que realmente é praticado: “[...] existe uma aparente discrepância entre o que é dito e o que é feito” (SMITH, 1992, p. 264, tradução e grifo nosso).

Aponta-se, então, a necessidade de discussões diferentes que possam observar a relação dos discursos e enunciados adotados em produtos sobre uma “natureza interdisciplinar” (SARACEVIC, 1996) com diferentes atividades contextualizadas pela prática tecnocientífica, principalmente, considerando o campo agonístico de produção das ciências, que, por sua vez, são influenciadas por subjetividades, objetividades, questões políticas, relações de poder, controvérsias, etc. Como afirmam Latour e Woolgar (1997, p. 29), “é preciso, então, ultrapassar o discurso ordenado dos sábios para chegar às práticas e aos discursos desordenados e mais interessantes dos pesquisadores”. Desse modo, acredita-se que se torna possível associar a construção do conhecimento

interdisciplinar efetivamente nas práticas das relações disciplinares em diversos contextos (ensino, pesquisa, colégios invisíveis, política científica, etc.).

### *3 ESTUDOS EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE*

Emergem no ocidente, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, em pleno século XX, abordagens de cunho sociológico, denominadas como sociologia da ciência (MERTON, 1974), sociologia do conhecimento científico (BLOOR, 2009; BORDIEU, 2004; KUHN, 1998) e os chamados estudos em ciência, tecnologia e sociedade (LATOURET, 2000; LATOURET, WOOLGAR, 1997), que discutem o conhecimento a partir de sua gênese e de sua validade, ou seja, uma espécie de relação filosófica e epistemológica, e, principalmente, considerando o escopo restrito da ciência tendo em vista seu funcionamento e sua ação em meio aos diferentes contextos e conteúdos sociais (PORTOCARRERO, 1994). Ciente das diferenças e similitudes de tais abordagens, não se pretende definir um único enfoque epistemológico para se abordar contextualmente nesse estudo – como colocar tudo em uma caixa de sapatos. Entretanto, para uma melhor compreensão do leitor, utiliza-se de forma genérica o termo Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ECTS).

Estudos de cunho sociológico na ciência ganham status nas ciências sociais por Robert Merton entre as décadas de 1930 e 1940 tendo em vista uma perspectiva institucional da ciência. Para Merton (1974), a ciência é uma estrutura social cuja comunidade se constitui a partir de normas éticas e do caráter contingencial dos cientistas. Assim, é enfatizada a necessidade de se compreender a ciência como uma rede de elementos sociais que implicam diretamente em seu funcionamento. Isto é, a ciência não deve ser considerada somente em relação aos seus produtos comunicados cientificamente, mas por meio da interação desses com toda a complexidade social coexistente nas atividades científicas. Já no final da década de 1970 autores como Bloor (2009), Bourdieu (2004) e Latour (2000) deram continuidade às concepções sociológicas para discussão do conhecimento e da ciência, obviamente, guardadas suas devidas diferenças, que, nesse caso, não se pretende aqui extenuá-las. Bloor (2009) institui o chamado Programa Forte – uma espécie de sociologização do conhecimento científico em diferentes áreas, seja nas exatas como a Matemática ou nas ciências sociais como a própria Sociologia, buscando compreender os aspectos sistemáticos e rígidos com fatores sociais existentes em meio as experiências de práticas científicas.

O conhecimento de uma sociedade não demonstra tanto a experiência sensorial de seus membros individuais, ou a soma daquilo que pode ser denominado de conhecimento animal. O conhecimento é, pois, a visão coletiva ou as visões da Realidade. Assim, o conhecimento de nossa cultura, como está representado na nossa ciência, não é o conhecimento de uma realidade que algum indivíduo possa experimentar ou aprender sobre ele mesmo é, antes, a história, a confecção de ideias, sugestões, percepções que cremos ser oferecidas pelos nossos experimentos. O conhecimento, desta forma, equivale-se mais à Cultura que à Experiência (BLOOR, 2009, p. 12-13).

Já na concepção de Latour (2001), a produção do conhecimento a partir dos ECTS, se efetiva por meio de uma rede de dados, informações e transformações, constante e de dupla via, entre os sujeitos e objetos em uma racionalidade complexa do real, denominando-se de “cadeias de tradução”, isto é, “em lugar de uma rígida oposição entre contexto e conteúdo, as cadeias de

tradução referem-se ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e traduzem seus vários e contraditórios interesses” (LATOURE, 2001, p. 356).

Busca-se perceber, então, como funciona a “ciência em ação”, ou seja, o *modus operandi* como os cientistas fabricam os conceitos e métodos de suas pesquisas e disciplinas, considerando os elementos de ordem, estratégias e heterogeneidade (LAW, 1992). Assim, tais abordagens visam à pragmática das ocorrências científicas acerca da relação intrínseca e extrínseca entre as atividades de cunho empírico como as pesquisas em laboratórios, institutos e universidades, as decisões políticas da ciência, bem como a utilização de determinados discursos em seus produtos para representação teórica e metodológica do conhecimento e suas controvérsias. Um dos mais emblemáticos estudos das atividades científicas dos ECTS realizados por Latour e Woolgar (1997), enfocando a produção dos fatos científicos em laboratórios, explicita a importância das inscrições em artigos, por exemplo, em que os pesquisadores precisam obter as habilidades de persuasão para dar prosseguimento em suas pesquisas e sair afora do laboratório, para convencer a comunidade científica dos fatos encontrados (adotados). Na verdade, Latour e Woolgar (1997, p. 68) afirmam que esse tipo de habilidade “serve para que os pesquisadores convençam os outros da importância do que fazem, da verdade do que dizem”. Logo, compreende-se que tais estudos possibilitam uma entrada para além das representações discursivas, buscando conceber as condições de experimentos, particularidades da metalinguagem das ciências, bem como possíveis controvérsias existentes nas práticas científicas aliadas a diversos contextos e conteúdos tecnocientíficos.

Shapin e Shaffer (2005), em uma análise sobre as pesquisas de Robert Boyle, elencam três tipos de tecnologias, que para esses autores foram utilizadas por ele, relacionando-as à produção do conhecimento e aos objetos científicos. As tecnologias materiais são os aparatos técnicos, instrumento e aparelhos para a produção de experimentos e procedimentos teóricos para o uso desses equipamentos encontrados em laboratórios de pesquisa; as tecnologias sociais se constituem a partir da legitimidade e da credibilidade dos resultados experienciados cientificamente, ordenando, assim, os jogos epistemológicos do discurso, quem devem tecer considerações sobre um tema ou não; e, as tecnologias literárias ou de inscrição as quais se efetivam como modos de representação de informações e do conhecimento por meio de inscrições, possibilitando a comunicação científica dos enunciados e discursos adotados e estabelecidos pelos pesquisadores.

A partir disso, compreende-se que os ECTS nos oferecem algumas bases conceituais para discutir, ainda que inicialmente, a efetivação desse discurso “a ciência da informação é interdisciplinar por natureza”, para além da representação e da retórica construídas, principalmente, não só em torno dos produtos comunicados cientificamente, estes como “tecnologias literárias”, mas, também, suas “tecnologias sociais e materiais” utilizando o conceito de Shapin e Schaffer (2005), que materializam a prática da interdisciplinaridade como um fato produzido no conhecimento científico. Assim, busca-se compreender a interdisciplinaridade como uma construção social e cultural no conhecimento científico, podendo constituir-se não só em torno de limites e fronteiras disciplinares representados em diálogos conceituais, teóricos e metodológicos discutidos epistemologicamente, mas, também, a considerar os conflitos políticos institucionais e as controvérsias entre pesquisadores coexistentes na ciência da informação.

#### 4 A “NATUREZA INTERDISCIPLINAR” DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E OS ESTUDOS EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Percebe-se na literatura, como apontado no tópico 2, que a interdisciplinaridade na ciência da informação é, comumente, discutida por meio de índices quantitativos com base na bibliometria, especificamente, na análise de citações e co-citações, bem como algumas listagens de temáticas, análise de redes sociais, constituindo-se por vias da representação enunciativa e da retórica adotadas nos produtos de comunicação científica como artigos, dissertações e teses. Ainda assim, ressalta-se a importância desses estudos a partir de perspectivas epistemológicas que buscam validar as condições teórico-metodológicas do status interdisciplinar na ciência da informação, que buscam demarcar limites e fronteiras do desenvolvimento científico do campo. Visto que eles possibilitam a construção de subsídios teóricos para tomadas de decisões na política científica, na visualização do estado da arte da ciência da informação (em termos de crescimento de um domínio nas ciências sociais) e a aproximação ou afastamento teórico-conceitual de novos domínios e disciplinas.

Contudo, acredita-se que esse tipo de positividade que, consideravelmente, pode sustentar as condições epistemológicas da interdisciplinaridade como fato científico da ciência da informação, sendo adotada desde seus primeiros escritos, vide Borko (1968) e Machlup e Mansfield (1983), perpassam algumas condições históricas, sociais e culturais na dinâmica da produção do conhecimento nessa disciplina, podendo ir além dos discursos comunicados cientificamente. Saldanha (2008b), por exemplo, questiona a determinação por vias epistemológicas para sustentar a existência de um discurso interdisciplinar na ciência da informação, em torno de demarcações de fronteiras e limites com outras disciplinas. Para o autor, há um movimento problemático quanto ao posicionamento epistemológico da ciência da informação acerca de sua dita natureza interdisciplinar, uma vez que

[...] a simples reunião entre os conceitos de interdisciplinaridade e natureza configuram o paradoxo, como se existisse uma natureza na construção de uma ciência (principalmente, pela via da socioepistemologia) e como se, de fato, dizer a palavra interdisciplinaridade ou identificar a presença de diferentes saberes, indivíduos e abordagens no trato de uma questão, em um dado campo, respondesse por interdisciplinaridade propriamente dita (SALDANHA, 2017, p. 87).

De outra forma, ainda segundo Saldanha (2008b; 2017), esse processo naturalizador da interdisciplinaridade se efetiva historicamente por meio de sobreposições de disciplinas e do objeto de informação, haja vista, o movimento da “racionalidade histórica para racionalidade epistêmica” – ao passo que a informação era estudada por vários pesquisadores da biologia, física, comunicação, etc. e agora “por apenas uma – uma ciência para (da) informação”. Questiona-se, nesse sentido, como a naturalização das relações interdisciplinares, considerada na produção científica epistemologicamente, consegue se estabilizar considerando as associações e controvérsias coexistentes em meio as circunstâncias empíricas de atividades científicas no campo agonístico de produção. E, como ocorre o *modus operandi* tendo em vista as redes de relações entre diferentes atores, as quais proporcionam deslocamentos teóricos e metodológicos, remontando, constantemente, as condições teóricas e pragmáticas das atividades científicas envolvendo a prática do conhecimento interdisciplinar. É nesse contexto que a pesquisa em andamento, fazendo aqui somente emergir a discussão, compreende a justificação em que os ECTS podem favorecer epistemologicamente, e, sobretudo, para fins metodológicos auxílios na

“desconstrução” do discurso de que há uma simples natureza interdisciplinar da ciência da informação por vias da retórica e da representação, mas apontando e discutindo uma construção pragmática desse fato científico que pode ao longo do tempo se tornar natural.

De acordo com Pinheiro (2002, p. 62), “o terreno interdisciplinar [da ciência da informação] é muito vasto e inicialmente não foram explicitadas essas relações, além de não haver, ainda, consistência teórica, o que demanda mais estudos epistemológicos nessa linha”. Diferentemente, Souza (2011), referindo-se à constituição da interdisciplinaridade na Ciência da Informação por vias da análise do discurso representado na literatura científica, afirma veemente que,

[...] há uma formação discursiva que se inscreve como eco inesgotável no campo da Ciência da Informação: o enunciado “a Ciência da Informação é interdisciplinar por natureza”. Esse enunciado está presente tanto nos ditos quanto nos não-ditos, promovendo efeitos generalistas, produtivistas e naturalizantes [...]. Assumir a Ciência da Informação como campo interdisciplinar corresponde à negação de uma forma de conhecimento específico que se traduz, em última instância, em negar o seu lugar no rol dos campos científicos. (SOUZA, 2011, p. 280-282).

Compreende-se, também, a existência de variáveis técnicas e sociais as quais influenciam a produção do próprio conhecimento envolvida com diferentes atores (pesquisadores, conceitos, métodos), conteúdos (a complexidade da informação, seus processos e fluxos, a pluralidade da formação de seus pesquisadores e a consequente convergência com outras disciplinas), e contextos de produção agonística (ensino e aprendizagem na sala de aula, controvérsias nos colégios invisíveis e em eventos tecnocientíficos, as decisões político-científicas de instituições financiadoras, grades curriculares e processos seletivos de programas de pós-graduação, etc.). Pode-se, então, buscar o conhecimento interdisciplinar além das experiências adotadas por vias da representação e da retórica na literatura científica, enfocando, assim, seu processo de produção cultural praticado agonisticamente nesses diversos espaços da atividade científica. Desse modo, devemos seguir o alerta de Gomes (2001) a qual

[...] tem a falsa impressão do exercício da interdisciplinaridade, já que às vezes se realiza um juízo que tende a desconsiderar, ou preterir a um lugar secundário, a ocorrência dessa interdisciplinaridade no interior da realidade social que envolve a práxis que se desdobra do fazer científico, entendida aqui enquanto cenário no qual se realizam as intervenções no social.

Entretanto, vale ressaltar que não se pretende conceber aqui um retorno à racionalidade científica com enfoque centralizador no empirismo positivista, mas na relação entre fatores internos e externos, da teoria e da prática, conteúdos e contextos, que implicam diretamente nas condições técnicas e culturais da produção científica. Nesse contexto de produção social e pragmática para a pesquisa em interdisciplinaridade, defende-se a tese kuhniana, em que

[...] a racionalidade científica não tem como ser reduzida à utilização de critérios lógico-empíricos de avaliação de teorias [...]. É comum fazer alusão à habilidade, à conversão, à expectativa profissional, ao fracasso pessoal, ao consenso etc. como forma de tentar esclarecer como se constituem e reproduzem processos

históricos de elaboração de conhecimento científico (KUHN 1970, p. 156 apud OLIVA, 2002, p. 67).

Com base nessa premissa, a construção interdisciplinar na ciência da informação não deve somente remeter-se ao tradicionalismo discursivo baseado em teorias e métodos logicamente estabelecidos, mas considerando a contextualização prática que se efetiva em diferentes elementos sociais da atividade científica. Isso ocorre desde a habilidade técnica de persuasão linguística dos pesquisadores, a propagação profissional que se delinea a partir do ensino e prática científica laboratoriais, até o consenso da comunidade científica que se articulam epistemologicamente e sociologicamente para tomadas de decisões teóricas e empíricas nos diversos espaços da prática tecnocientífica. Buscando aproximar a crítica de Kuhn (1998) à epistemologia tradicional que visa, sobretudo, aos critérios logicamente estabilizados por vias teóricas sem maiores questionamentos aos elementos sociais, podendo ser considerados extra-científicos, atenta-se, portanto, para relevância que esse autor pode ter para discussão em torno dos ECTS aproximados à interdisciplinaridade na ciência da informação. Saldanha (2008a, p. 69), ao refletir sobre a presença desse historiador das ciências e sua relação com a ciência da informação, afirma que, “sob a ótica paradigmática, [...], a CI estaria em vias de existir, e se escorava oportunamente em conceitos e teorias contemporâneas, como pós-modernidade, interdisciplinaridade e mudança de paradigma para se fazer científica”.

Portanto, considera-se a acuidade de perspectivas de cunho sociológico no conhecimento científico, sob abordagens dos ECTS, que possam reconsiderar relações onto-filosóficas como teoria-prática, natureza-cultura, objetividade-subjetividade, que implicam nesse processo de desnaturalização da interdisciplinaridade na ciência da informação constituído epistemologicamente. A partir disso, passa-se a ponderar as redes de construção complexa e interdisciplinar que se formam na relação prática entre pesquisadores, instituições, programas de pesquisa e disciplinares, bem como as familiaridades e antipatias por temáticas, justaposição entre orientador e orientando na pesquisa, professor e aluno na sala de aula e pesquisadores em eventos tecnocientíficos, para que a fins de consequência, não de causa, possa-se constituir uma natureza interdisciplinar na ciência da informação.

## *5 CONSIDERAÇÕES FINAIS*

A interdisciplinaridade, é, de fato, um dos fundamentos da ciência da informação. Problematizações em torno desse objeto, embora ainda incipiente como esta, necessitam de uma amplitude complexa que alie diferentes abordagens em torno de seus questionamentos seja de cunho ontológico, epistemológico, sociológico e/ou filosófico. Para tanto, buscou-se apresentar, mesmo que ainda de maneira sintética, uma vez se trata de discussões iniciais de uma tese, alguns argumentos baseados nos ECTS visando à transgressão epistêmico-metodológica para que a interdisciplinaridade na ciência da informação possa ser discutida para além da representação e da retórica comunicadas cientificamente. Assim, possibilitou-se discutir alguns mecanismos da práxis científica que se relaciona com o discurso interdisciplinar na ciência da informação, condicionando a efetividade pragmática de um fato científico como pode ser a interdisciplinaridade.

Contudo, reconhece-se que é necessário desenvolver outras discussões que possam debater a relação entre tais abordagens e a interdisciplinaridade como objeto de pesquisa na ciência da

informação. Para isso, pretende-se na tese buscar além de aprimorar tal discussão como plano de fundo teórico, ponderar o campo agonístico da produção interdisciplinar envolvendo as relações entre pesquisadores e suas controvérsias no contexto sócio-histórico nacional e internacional da ciência da informação.

Por fim, ressalta-se que este ensaio não pretendeu demarcar o trabalho de investigação da dita “natureza interdisciplinar” com enfoque nos estudos sociológicos da ciência, como mais um tipo de epistemologização metodológica, apenas uma explicitação epistêmica que possa discutir a interdisciplinaridade na ciência da informação.

## REFERÊNCIAS

BICALHO, L.; OLIVEIRA, M. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 16, p. 47–74, 2011.

BLOOR, D. *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo: Edunesp, 2009.

BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHANG, Y.; HUANG, M. A study of the evolution of interdisciplinarity in library and information science: using three bibliometric methods. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 63, n. 1, p. 22, jan. 2012.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FLECK, L. *Genesis and development of a scientific fact*. London: Paperback, 1979.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2001.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LATOUR, B. *A esperança de Pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: ordering, strategy, and heterogeneity. *Systems Practice*, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.

MACHLUP, Fritz; MANSFIELD, Una (Org.). *The study of information: interdisciplinary messages*. New York: John Wiley & Sons, 1983.

MERTON, R. K. *Sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MORAES, M.; CARELLI, A. E. A interdisciplinaridade na Ciência da Informação pela perspectiva da análise de citações. *Em Questão*, v. 22, n. 1, p. 137-160, 2016.

PINHEIRO, L. V. R. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, M. de A. (Org.). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: ed. Universitária UFPB: 2002.

PREBOR, G. Analysis of the interdisciplinary nature of library and information science. *Journal of Librarianship and Information Science*, v. 42, n. 4, p. 256-267, 2010.

SALDANHA, G. S. O que é Ciência da Informação? Desafos imediatos e impactos hipotéticos da “distinção” bourdieusiana na socioepistemologia dos estudos informacionais. In: MARTELETO, R. M.; PIMENTA, R. M. (Org.). *Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 370. Parte I. p. 72-101.

SALDANHA, G. S. Thomas Kuhn na epistemologia da Ciência da Informação: uma reflexão crítica. *Informação & Informação*, v. 13, n. 2, p. 56–78, 2008a.

SALDANHA, G. S. Viagem aos becos e travessas da tradução pragmática da ciência da informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein. 2008b. 268 f. Diss. (Mest. Ci. Inf.) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SARACEVIC, T. *Introduction to information science*. New York, New York: Bowker, 1970.

SILVA, Z. C. *Produção Interdisciplinar na Ciência da Informação: abordagem nos domínios da arquitetura da informação*. 2016. 159 f. Dissertação (Mest. Ci. Inf.) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SHAPIN, S.; SHAFFER, S. *El Leviathan y la bomba de vacuo: Hobbes, Boyle y la vida experimental*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2005.

SMITH, L. C. Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Org.). *Conceptions of Library and Information Science: Historical, Empirical and Theoretical Perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. p. 253-267.

SOUZA, E. D. *A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar*. 2011. 346 f. Tese (Dout. em Ci. Inf.) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.